Desalento...  
  
Não ouve mais o canto do rouxinol no desaguar das manhãs.  
A cumeeira da casa que o empoleirava está vazia...  
As sementes cultivadas nos canteiros dos jardins não germinam mais,   
Não existem mais pétalas desabrochando,  
Nem rosas exalando suaves fragrâncias.   
Os beija-flores e as borboletas arribaram, na ausência dela...  
Sente o nariz cada dia mais perto do pó que adubava os jardins...   
O peso dos ombros o faz curvar-se na caminhada quase sexagenária.  
Os anos dedicados à luta de classe tragaram a sua juventude,   
E os resultados se mostravam pífios...  
Fragilizando a crença no ideário que o atiçava   
E o fazia acreditar em condutas retilíneas,   
Que o moviam rumo às mudanças em prol do bem estar de todos.  
As utopias já não o embalam mais,   
Sonhos foram tragados pelas saliências dos caminhos...   
Cansara...   
Compelido a assistir o poder se concentrar e se agigantar nas mãos dos maus...   
Ceifando sonhos e louros do labor diário de homens e mulheres portadores de competências mil e de conduta reta.  
Sentia seus passos trôpegos serem monitorados, despudoradamente.  
Falavam-lhe meias verdades, sem olhá-lo nos olhos... E mentiam-lhe, fitando-os...  
As boas novas prometidas esvaíam-se nos casuísmos adornados nas cores da propaganda e na pujança dos muitos slogans...   
A crença num novo porvir fê-lo não enxergar a pedra que havia no meio do caminho...  
Contudo... Nada o atormentava mais do que a distância da mulher amada...